os prognósticos positivos para a safra brasileira, revendo-a a maior (27 milhões de toneladas, 1,9% acima do relatório de fevereiro). Isto já era esperado, bem como a correção das exportações, que se fez em percentual bem maior (23,8%) alcançando 5,2 milhões de toneladas.

Para a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) o esmagamento em 1997 será um pouco menor do que o verificado em 1996 (19 milhões de toneladas agora e 20,1 milhões no ano passado), em razão das maiores exportações previstas para o grão (6,5 milhões de toneladas, 64% superiores aos 3,5 milhões exportados em 1996). O esmagamento resultará em 15,7 milhões de toneladas de farelo e 3,75 milhões de óleo. O consumo interno absorverá 5,6 milhões de toneladas de farelo (6%) e 2,75 milhões de óleo.

As exportações do farelo e do óleo também serão reduzidas. Em 1996, foram exportadas 11,2 milhões de toneladas de farelo e, em 1997, espera-se que sejam 10,3 milhões. Quanto ao óleo, a redução será de 1,3 milhão de toneladas para 1,2 milhão.

Os estoques mundiais do complexo da soja continuam baixos, apesar do aumento da produção global dos três componentes — grão, farelo e óleo.

Complexo da soja — produção e estoque final mundiais

1995/96 a 1996/97 — em milhões de t

Produto	1995/96	1996/97	%	1995/96	1996/97	%
Grão	124,76	133,98	7,39	17,33	16,44	- 5,40
Farelo	89,17	90,92	1,96	3,56	3,38	- 5,06
Óleo	20,20	20,47	1,34	2,36	2,23	-5,51

Fonte: USDA.

A partir desses números, o mercado antecipou a preocupação com a extensão do próximo plantio nos EUA e espera que, se for considerado insuficiente, haja maiores altas nas cotações.

Bem antes da divulgação do primeiro relatório de intenção de plantio, em 31 de março, estimava-se que a receita das exportações este ano ficaria em torno de US$5 bilhões, 13,6% superiores às de 1996 (US$4,4 bilhões).

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

MÁQUINAS AGRÍCOLAS

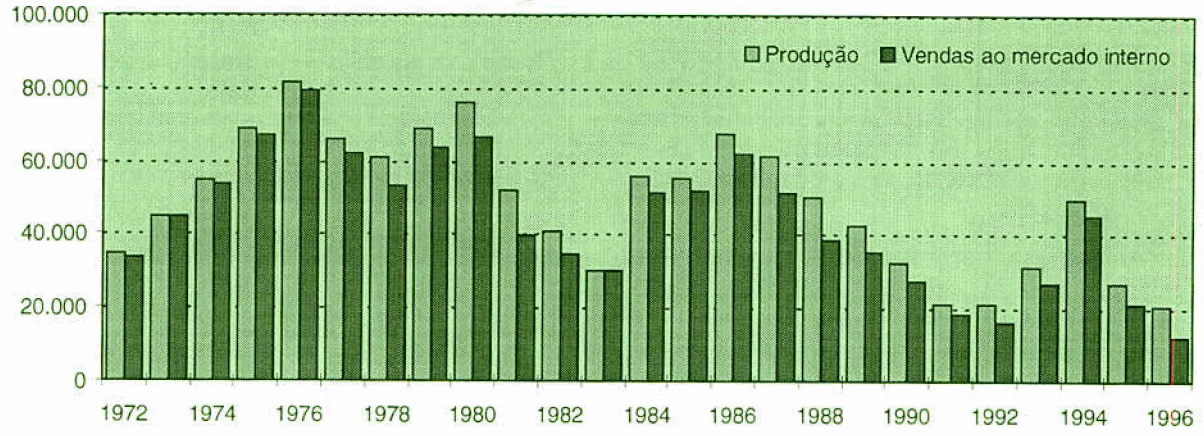
Máquinas agrícolas — recuperação à vista?

Em termos de evolução histórica, a produção e as vendas de máquinas agrícolas chegaram a seu ponto mais baixo em 1996. Dos vários fatores que explicam a situação não se pode ignorar a falência da política de crédito rural, que incentivou a intensa mecanização da lavoura nos anos 70 e, no período mais recente, a conjuntura adversa em que a dívida acumulada no período dos planos econômicos, as elevadas taxas de juros e os preços declinantes da produção agrícola contribuíram para a descapitalização do produtor rural.

Nos dois primeiros meses de 1997, a produção total de máquinas agrícolas registrou significativa expansão de 52% sobre igual período do ano anterior. Dentre os diversos tipos de equipamento oferecidos pela indústria, a maior expansão (98%) se deu no segmento das colheitadeiras, sem dúvida em função da fase do ano agrícola, que é justamente a da colheita da safra de verão. Mas também a produção dos tratores de rodas teve crescimento significativo (58%).

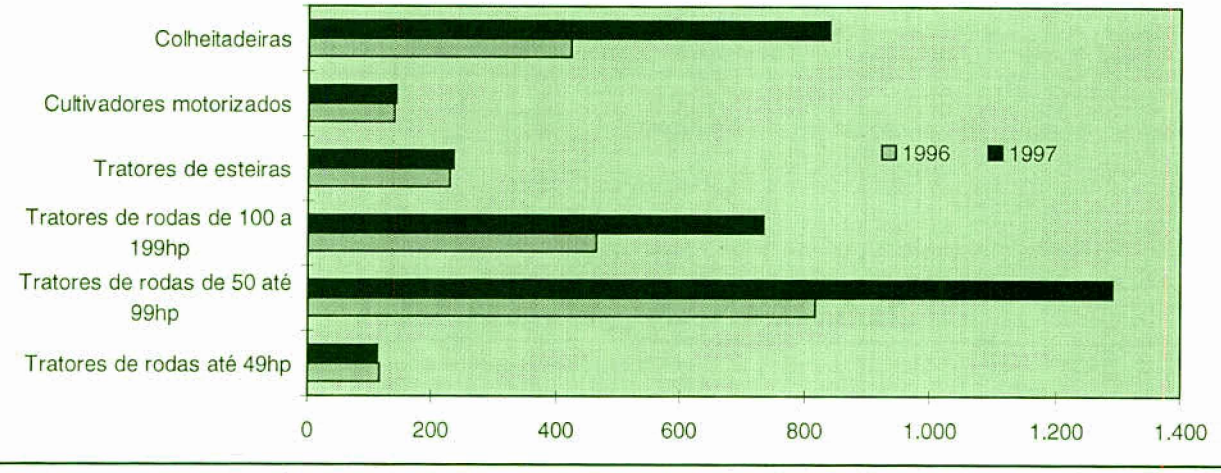
Também as vendas ao mercado interno de máquinas agrícolas se expandiram no primeiro bimestre de 1997. É verdade que a expansão das vendas ao mercado interno foi menor (42%) do que a registrada na produção (o aumento de 45% nas exportações contribuiu para absorver a produção do período). Observa-se também neste caso maior expansão na aquisição de colheitadeiras (88%), ao passo que as vendas de cultivadores se reduziram bastante (-25%). No segmento de tratores de rodas também se verificou uma queda nas vendas de máquinas de menor potência (os tratores de até 49hp venderam menos 22%). Já os tratores de 50 a 99hp e os de 100 a 199hp cresceram 59 e 11%, respectivamente. Provavelmente, esse aumento das vendas de

Brasil — produção e vendas ao mercado interno de máquinas agrícolas automotrizes



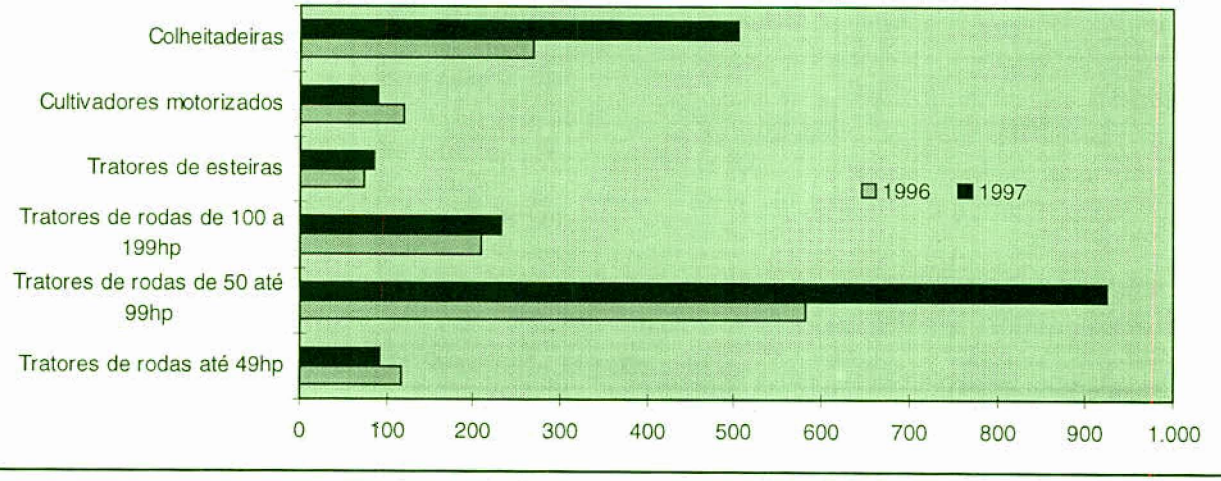
Brasil — produção de máquinas agrícolas automotrizes selecionadas

janeiro e fevereiro — em unidades



Brasil — vendas ao mercado interno de máquinas agrícolas automotrizes selecionadas

janeiro e fevereiro — em unidades



tratores maiores pode ser explicado pelas boas perspectivas da soja.

Ainda é cedo para se dizer se esses resultados são de fato indicadores de uma reversão na tendência do setor de máquinas agrícolas ou apenas um instante de euforia. Pelo menos o ano começou bem.

MARIA JOSÉ CYHLAR MONTEIRO

INDICADOR DO MILHO — FGV-BM&F

Clima de otimismo

Nos últimos 15 dias de fevereiro e primeiros 15 de março, o perfil do mercado interno do milho apresentou alterações substanciais relativamente ao que até então se observava na atual temporada. De uma forma resumida e figurativa, essas mudanças se devem às diversas bóias que o governo lançou aos produtores e operadores deste mercado, sob a forma de medidas normativas da comercialização, com o objetivo explícito de nortear o comportamento desses agentes num ambiente de maior confiança.

A franca interferência governamental, com o objetivo claro de estancar o pessimismo que caracterizou o mercado durante o mês de janeiro, se consubstanciou principalmente na antecipação em seis meses da quitação dos contratos de securitização previstos para outubro, na divulgação do lançamento dos contratos de opção e na liberação de R$120 milhões para a aquisição de até 2 mil sacas por produtor por meio de AGF. Buscando esvaziar rapidamente o ambiente derrotista quanto aos preços do produto novo, as autoridades visaram, por tabela, a afastar qualquer temor imediato quanto a um possível desinteresse pela cultura a curto/médio prazos e suas nefastas conseqüências para o arraçoamento avícola.

Esta ação oficial transpareceu no indicador do preço físico do grão, cuja apuração, de meados de fevereiro a meados de março, apresentou inicialmente suave tendência de alta, com posterior estabilização em valores próximos a R$7,30/saca — ou seja, uma elevação de cerca de 5% no espaço de 25 dias.

Os níveis dos preços para os contratos futuros para maio e julho, por sua vez, também refletem maior confiança dos agentes, embora a ação governamental te-

